

HISTÓRIAS DE MULHERES DETENTAS: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LEITORA

Zilma da Silva Gusmão¹

Orientadora: Jane Quintiliano Guimarães Silva²

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo sobre as práticas de leitura e a constituição da identidade leitora de cinco presas do Complexo Penitenciário Feminino Estêvão Pinto, localizado na cidade de Belo Horizonte, no bairro Horto. Seu objetivo é reconstituir, por meio dos relatos de leituras das presas, a formação de suas identidades leitoras, localizando também os espaços de leitura, os modos de ler, os objetos de leitura e a sua importância no mundo carcerário. O estudo procura analisar as práticas de leitura desenvolvidas pelas detentas dentro da penitenciária, à luz das teorias de Roger Chartier e da História Cultural, e mostrar, também, o quanto significativas são tais práticas para as essas mulheres que estão na condição reclusas. Para isso, foi feita uma pesquisa de campo, de ordem qualitativa, com encontros semanais, durante dois meses, com as presas selecionadas. A partir dessa pesquisa, foram feitas as análises do *corpus* recolhido para, finalmente, identificar a identidade leitora de cada uma das cinco detentas.

Palavras-chave: Leitura; Práticas de leitura; Identidade; História cultural; Detentas.

1 INTRODUÇÃO

Há muito tempo, a leitura é objeto de estudo de vários pesquisadores, e esses estudos, por sua vez, são caracterizados pela multiplicidade, portanto, permitem a interferência de outras áreas do conhecimento, dependendo do recorte que é feito. Torna-se difícil estabelecer o limite de cada olhar, pois o ato de ler não se concentra em ações isoladas, lineares ou previsíveis. Muito pelo contrário, a irregularidade e a imprevisibilidade é que regem as práticas de leitura em uma sociedade letrada, visto que qualquer sociedade é dividida em grupos distintos, com hábitos e costumes diferentes.

Compreender os acontecimentos, as pessoas, os lugares e os seus hábitos, é imprescindível para que se entenda, um pouco, da história de leitura de qualquer grupo social. Neste trabalho, especificamente, serão analisadas as práticas de leitura de um grupo de mulheres leitoras que vivencia um processo de

¹ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa (PUC Minas).

² Pós-doutorado pelo Teacher College Columbia University. Doutorado em Linguística pela UFMG.

ressocialização, na cultura de uma penitenciária. O foco são histórias de leitura narradas por elas que, mesmo enclausuradas e inseridas em um contexto de ressocialização bem específico, adotam a leitura para diferentes fins e conferem a essa prática sentidos diversificados, tendo em vista esse momento de suas vidas, que é a prisão.

A explicação para um indivíduo se embrenhar no mundo da leitura e assumir diferentes papéis ou identidades na sociedade, a partir das representações e apropriações que faz do texto, é algo que necessita de mais pesquisas e explicações que elucidem o tema. Por isso, pouco a pouco, novos trabalhos estão surgindo a fim de explicar esse fantástico fenômeno, que se manifesta nos mais variados grupos dentro da sociedade. Dentre os estudiosos que analisam os fenômenos dessa ordem e os exploram, está o historiador francês Roger Chartier que avalia a leitura não somente como um acontecimento individual, mas social e histórico, embrenhado em práticas desenvolvidas por certa comunidade de leitores. Práticas essas que levam um grupo a se interessar por determinadas leituras.

O objetivo deste trabalho é reconstituir as histórias de práticas de leitura de mulheres detentas, a fim de identificar, por meio de suas narrativas, como elas objetivam/constroem suas identidades leitoras. Na base desse objetivo, pressupõem-se algumas indagações, tais como: como a leitura é significada, sua função no cotidiano carcerário; os objetos de leitura; os espaços de leitura; os modos de ler; a concepção de leitura e de leitora; representação/construção de seus percursos constitutivos como leitoras.

2 A LEITURA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

2.1 Leitura: Aproximação e Diálogo entre Concepções

A leitura está presente na história da humanidade desde que o homem sentiu a necessidade de se expressar, de se comunicar e de transmitir seu conhecimento e suas experiências por meio da linguagem. A linguagem, por sua vez, surgiu e se desenvolveu no reino animal, mas foi com a raça humana que ela chegou ao seu ápice, “conferindo à linguagem verbal a função primordial de afirmar a possibilidade de comunicação entre seus membros” (ZILBERMAN, 2001, p. 15). Assim, a

linguagem foi evoluindo e criando outras modalidades, como a linguagem gestual e imagética.

Porém, sua evolução não para por aí, pois a raça humana tinha que registrar, de alguma maneira, essa linguagem. Logo, criou-se a escrita para fazer esse registro. E, nas culturas ocidentais, conseqüentemente, veio a invenção do alfabeto como códigos utilizados para esse fim. A decifração desses códigos recebeu o nome de leitura. Pode-se observar, então, que escrita e leitura são duas atividades intimamente ligadas, mas não se pode afirmar, com certeza, até os dias de hoje, quem veio primeiro. “Se competiu à escrita registrar a fala, originária da experiência social do diálogo, este nasceu da capacidade de o sujeito interpretar o mundo, lendo-o, portanto, e propondo signos para designá-lo” (ZILBERMAN, 2001, p. 15).

A leitura é um acontecimento importante em uma sociedade letrada e tecnologicamente complexa como a nossa, aliás, é praticamente impossível que organizações sociais sobrevivam sem ela. Manguel (2002), por exemplo, afirma que nas organizações sociais é possível a não existência da escrita, porém “nenhuma sociedade pode sobreviver sem a leitura” (MANGUEL, 2002, p. 20). Em concordância com esse autor, reitera-se aqui que é inimaginável pensar numa sociedade em que a prática da leitura seja encarada apenas como a junção das letras do alfabeto e a sua transformação em palavras ou frases, pois ler é uma atividade que envolve a interpretação de todo um contexto social em que o leitor está inserido.

2.1.1 A Leitura como uma Atividade Interacional

Centrada na interação, essa concepção enfatiza o jogo de linguagem no e com o texto, seja ele oral ou escrito. O texto passa a ser considerado o “lugar de interação” (KOCH, 2005), que se constrói na linguagem e pela linguagem, não sendo uma mera sobreposição de elementos linguísticos.

Dessa perspectiva, no texto escrito, o autor e o leitor constroem o sentido juntos. Não existe uma separação ou limite para um e outro agir. O processo interlocutivo é contínuo e simultâneo. Ao leitor, cabe perceber no texto, por exemplo, elementos formais que marcam o posicionamento do autor em relação ao sentido que ele pretende atribuir ao texto. Exemplo disso são os elementos de coesão textual, chamados de pistas, por Kato (1986), que ajudam o leitor na sua

tarefa de atribuir um sentido ao texto. Além da percepção desses elementos formais, segundo Koch (2005), o interlocutor é responsável também por mobilizar várias estratégias de ordem sociocognitiva, interacional e textual a fim de construir um sentido para o texto, a partir da leitura. Por isso, os interlocutores são chamados de estrategistas pela autora.

2.1.2 A Leitura como uma Atividade Discursiva

“Inicialmente, é importante salientar que a Análise do Discurso [...] não tem por tarefa descrever a língua, mas analisar discursos, processos discursivos, processos de significação” (INDURSKY, 2010). Longe de se pensar na leitura como uma atividade que privilegia a decifração do código escrito, eis aqui o ponto de partida para uma compreensão da leitura sob a perspectiva da AD.

De acordo com Possenti (2001), a AD situa a leitura em duas grandes vertentes. A primeira investe seus estudos na investigação da circulação do texto, sem se preocupar com o sentido a ele atribuído. Nessa linha, existe uma preocupação com os espaços privilegiados em que o texto circula. A segunda preocupa-se com o sentido, deixando em segundo plano a questão da circulação e privilegiando o significado. Para Possenti (2001, p. 22), “certos sentidos não podem ser atribuídos a certos textos” e há instituições que regulam os sentidos. Em suma, de acordo com a AD, não são apenas os elementos linguísticos, teoricamente inscritos no texto, que lhe garantem o sentido.

2.1.3 A Leitura sob o Olhar da História Cultural

Para Chartier (1990), as leituras feitas por uma comunidade refletem não somente as necessidades interiores daquele grupo, mas também as exteriores, como as mudanças que ocorrem na sociedade em várias áreas, seja na economia, na política, na educação, no lazer, nos relacionamentos afetivos etc. Chartier concebe a História Cultural como uma história das representações coletivas do mundo social que visa não somente às questões quantitativas e objetivas da história, mas analisa os eventos e a construção dos sujeitos em todo um processo histórico e subjetivo.

De acordo com Chartier (1990), dois aspectos devem ser considerados dentro da história da leitura: a própria leitura e o leitor. O autor afirma que:

Por um lado, a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros: ela é caça furtiva nos dizeres de Michel Certeau³. Por outro lado, o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la. (CHARTIER, 1990, p. 123).

Nessa perspectiva, de uma forma ou de outra, o leitor está sempre inscrito no texto, mas, de certa forma também, o texto está sempre inscrito em seu leitor, quando se considera que o texto desenha discursiva e conceitualmente o leitor.⁴

2.2 Representação, Apropriação e Práticas de Leitura

Os conceitos de representação, apropriação e práticas de leitura, se apresentam na obra **A História Cultural entre Práticas e Representações**, de Chartier (1990), como balizares para investigar o que se pretende neste trabalho. Tais conceitos estão diretamente implicados com a noção de sujeito e, por sua vez, com a de leitor. Noções, do ponto de vista da leitura, da produção de sentido que se entrelaçam, se imbricam e se completam no momento em que a leitura é colocada em prática, em que o sujeito assume a posição de leitor, de interlocutor do texto.

2.2.1 Representação

Com base em estudos da sociologia sobre representações⁵, Chartier (1990) admite que a noção de representação é a “pedra angular”, o princípio formador da História Cultural. Combatendo a noção de representação “como relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente”, ou que a representação “faz ver

³ CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**, 1998.

⁴ Buscando uma aproximação, pode-se dizer que Chartier compartilha o posicionamento de Eco (1988), para quem o texto está sempre incompleto, porque pressupõe a colaboração de um destinatário para completar-lhe o sentido, “o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, embora seja interpretado com uma margem suficiente de univocidade” (ECO, 1988, p. 37). Instaura-se aqui o leitor modelo, que não deixa o texto existir por si só.

⁵ Chartier recorre a Marcel Mauss, Émile Durkheim e Lucien Febvre para construir a sua noção de representação.

uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado” (CHARTIER, 1990). No quadro da História Cultural, o autor adota a noção de representação para designar o modo pelo qual, em diferentes lugares, espaços sociais e tempos, uma determinada realidade é construída, pensada, e dada a ler por diferentes grupos sociais, seja ela uma manifestação individual ou coletiva. Pontua igualmente que a construção das identidades sociais seria o resultado de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma (CHARTIER, 1990).

A partir dessas reflexões de Chartier, é possível afirmar que as representações são inerentes às práticas sociais e discursivas que são engendradas nesses espaços, manifestadas e sedimentadas. Por meio das representações acerca de algo, o indivíduo se posiciona frente aos acontecimentos que ocorrem à sua volta e coloca em prática o seu discurso. É por meio também dessas representações, sejam elas individuais ou coletivas, que os sujeitos assumem uma postura de assujeitamento, ou não, diante dos acontecimentos do cotidiano.

2.2.2 Apropriação

Para Chartier, no quadro da história cultural, a noção de apropriação está vinculada à pluralidade de interpretações, de compreensões e dos seus empregos por parte do leitor, que é o agente desse fenômeno e que o concretiza a partir da sua liberdade criadora. O que ocorre é que o leitor, ao debruçar-se sobre um texto, cria-o e recria-o, constrói e reconstrói imagens a partir da apropriação que faz de seu todo ou das suas partes, vinculando-o a sua realidade social.

O leitor se apropria do texto, fazendo suas escolhas, estabelecendo relações, se assujeitando ou não àquilo que está lendo. O texto aparece diante dele como um suporte para a criação do seu próprio texto, pois o instiga a aceitar ou a recusar aquilo que lê e a na medida em que é capaz de fazer outras leituras. “É necessário relembrar que todo o texto é produto de uma leitura, uma construção do seu leitor: ‘este não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor’” (CHARTIER, 1990, p. 61). O texto proporciona inúmeras possibilidades de leitura e infindáveis experiências bem diversificadas umas das outras. O leitor entra no mundo da leitura

e adquire tais experiências e, como afirma Chartier (1990), tais experiências jamais se reduzem umas às outras.

A apropriação do texto pelo leitor também ocorre de acordo com a maneira com que esse texto é instaurado na sociedade. Conforme Chartier, na França, durante o Antigo Regime, por exemplo, a veiculação do impresso trouxe à sociedade uma nova forma de circulação do texto, o que permitiu uma apropriação diferenciada da forma habitual por parte dos leitores.

2.2.3 Práticas de Leitura

As práticas de leitura são vistas como um fenômeno vigente em qualquer sociedade letrada, elas manifestam o nível de familiaridade que os indivíduos têm com o texto oral ou escrito e demonstram como os gestos, os espaços e os hábitos de leitura se manifestam no cotidiano dos sujeitos. Conforme pressupõe o autor, as apropriações de sentido refletem dialeticamente a singularidade e diversidade das práticas de leitura de um grupo social, de um tempo e espaço. Isso porque os bens culturais (objetos de leitura, em geral) são produzidos segundo ordens, regras, convenções e hierarquias específicas.

Chartier (1994), ao analisar os leitores da sociedade europeia, entre os séculos XIV e XVIII, conclui que a leitura sempre é uma prática que opera em gestos, em espaços e em hábitos. Ela está longe de ser uma atividade universal em que os leitores a encaram da mesma forma sejam eles velhos ou moços, homens ou mulheres, analfabetos ou letrados etc. A leitura opera nos contrastes de uma sociedade, porque a sociedade é diversificada e composta por diferentes grupos que leem. Esses grupos fazem leituras diferentes de um mesmo texto e se apropriam dele de formas variadas, atribuindo um sentido que emerge, em parte, do leitor.

2.3 Identidade: Construindo uma Posição Teórica

É importante ressaltar que a identidade está intrínseca ao sujeito e se manifesta, discursivamente, no curso das interações sociais as quais, tendo em conta o objeto em estudo, são flagradas nas práticas de leitura realizadas no mundo do presídio, quando as detentas narram sobre suas experiências de leitoras, significam as suas leituras a partir do processo de socialização pelo qual estão

vivenciando. Dessa perspectiva, opera-se com uma noção ampliada de narrativa enquanto condição de produção de sentidos e identidade (RICOUER, 1991).

Nessa direção, assume-se que a identidade, expressão de uma posição subjetiva de um sujeito social, pode, nas práticas de leitura, expressar a posição dos leitores em relação ao que lê e às condições e finalidades que orientam a sua recepção. Isso porque cada leitor utiliza as suas escolhas na hora de fazer as suas leituras. Tais escolhas são determinadas também pela sua posição identitária. Pensemos na seguinte situação: Um mesmo texto é dado a vários leitores para que eles possam fazer a sua leitura, porém, as leituras que serão feitas podem ser diferentes, variáveis, diversificadas. Umas mais simples outras mais complexas, dependendo da clivagem desse leitor diante do texto. As atitudes de assujeitamento ou não do leitor vão variar de acordo também com a sua identidade.

No Iluminismo, a identidade era definida como algo fixo e, por muito tempo, concedeu ao ser humano a estabilidade, levando a sociedade a encarar, por exemplo, a “crise de identidade” como um fator desestabilizador da ordem social. Nessa abordagem, “no interior dessa rede de familiaridade do berço ao túmulo, o lugar de cada pessoa era evidente demais para ser avaliado, que dirá negociado” (BAUMAN, 2005, p. 24).

Porém, os tempos mudaram. A tecnologia da informação e da comunicação e as ciências trouxeram para o homem uma visão mais dinâmica do mundo, diminuindo as distâncias e criando novas alternativas para uma vida supostamente melhor e mais diversificada. Essas mudanças sócias, históricas, culturais e econômicas, no mundo globalizado, instigaram os novos estudos sobre a identidade e as novas dimensões socioculturais e históricas, nas quais se aplicam conceitos sobre o tema. Nesses tempos ditos pós-modernos, conforme afirmam Hall (2005) e Bauman (2005), a identidade tem sido colocada em xeque e torna-se uma questão de análise. A “crise de identidade”, que antes era vista como um fator desestabilizador, hoje é encarada como um fator de transformação na sociedade.

O sujeito pós-moderno surge, então, totalmente desapegado à identidade fixa, preconizada no Iluminismo. Esse sujeito, dotado de várias identidades, assume cada uma delas em momentos diferentes de suas práticas sociais. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2005, p. 13). Portanto, para Hall (2004), não há uma única identidade no sujeito, se isso acontece

é porque houve uma acomodação por parte do sujeito na construção da sua história. Na verdade, o autor afirma que a identidade unificada não passa de uma mera fantasia.

A identidade está sujeita a mudanças, na medida em que não é possível a um ser humano permanecer com um mesmo comportamento diante de situações diferentes ou até semelhantes, ou seja, em cada situação emerge um sujeito capaz de tomar decisões por si só ou influenciado por fatores externos. O mesmo sujeito que jamais maltrataria um animal sozinho, em um grupo, poderia cometer tal ato sem pensar, impulsionado pela emoção de fazê-lo que domina o grupo. Em suma, “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta [...]” (BAUMAN, 2005, p.19).

2.4 Análise dos Relatos das Detentas

A identidade é uma construção discursiva, simbólica, que emerge nas interações sociais. Isso quer dizer que nas interações, conforme o lugar de onde o sujeito fala, o modo como se representa e representa o outro/o objeto, se vê ou quer que o outro o veja, emergem posições identitárias.

2.4.1 A Emergência da Identidade nas Narrativas

Para uma melhor compreensão das narrativas e, respectivamente, das análises, enquanto os trechos das narrados pelas detentas forem apresentados, apresentar-se-ão também algumas funções da leitura. Segundo Barthes (1987, p. 184), que afirma que “Histórica e socialmente, ler estava e continua a estar envolvido num conjunto de práticas codificadas, que decerto não esgotam o fenômeno, mas que convém lembrar”, a leitura pode assumir algumas funções na vida do leitor: ela pode ser uma técnica, uma prática social, uma forma de gestualidade, uma forma de sabedoria, um método e uma atividade voluntária.

S.M.B.

S.M.B. tem 37 anos, foi condenada a 22 anos de prisão e já cumpriu quase 10. Ela é artesã e faz trabalhos manuais para vender em uma feira, que acontece

dentro da penitenciária. Concluiu o 1º e 2º graus dentro da penitenciária, e conta que estudou até a 5ª série “na rua” (fora da cadeia). S.M.B. sonha em fazer o curso superior de Serviço Social. Em seus relatos, pode-se perceber a emergência da sua identidade leitora, que oscila com frequência entre as várias funções que ela atribui à leitura.

Para a presa, ler é uma forma de adquirir sabedoria e uma ação voluntária, como se verifica nos trechos das narrativas a seguir.

(1) É por isso que eu mergulho na leitura.

Pode-se verificar a função principal da leitura na vida de S.M.B., é uma leitura mística, assim chamada por Chartier (1994), pois promove a elevação espiritual, é uma fuga dos momentos ruins que já viveu e vive até hoje. Ela faz essa afirmação após contar fatos horríveis que vivenciou. A utilização do verbo *mergulhar* reforça a importância da leitura em sua vida, ou seja, ela não apenas lê, mas mergulha, submerge nas histórias, entra de corpo e alma. De acordo com o dicionário, mergulhar também significa *entranhar*. Nesse sentido observa-se o poder do significado, a força da utilização desse verbo na narrativa da detenta, é colocar nas entranhas aquilo que ela lê. O mesmo dicionário aponta outro significado para o verbo: *esconder-se*, *desaparecer*. Nesse aspecto, pode-se considerar o fato de S.M.B. esconder-se na leitura, desaparecer e ficar apenas o mundo das histórias que ela lê.

A identidade leitora de S.M.B. emerge de um prazer intenso pela leitura. A leitura é momento de gozo, de alegria, de intensa felicidade.

R.D.R.

R.D.R. tem 25 anos, chegou à prisão há três anos e nove meses e está cursando a 8ª série, na escola da penitenciária. Ela é costureira e trabalha na oficina de costura. Em sua narrativa geral sobre os livros que lê naquele local e que, na sua maioria, são espiritualistas, ela afirma:

(2) Ler abre a cabeça, a gente passa a ver as coisas de forma diferente, a gente aprende muita coisa, coisa que eu não aprendi na minha família. Eu aprendi também novas palavras, porque eu achava que era burra porque parei de estudar na 5ª série, eu cresci como pessoa e me ajudou a reconhecer meus erros.

Nesse relato, observa-se que a presa atribui à leitura a função de alcançar sabedoria. Por meio dela, ela aprendeu valores nunca adquiridos, melhorou seu vocabulário e se sentiu mais inteligente. Pode-se notar que o ato de ler a afastou de suas origens e formou nela uma nova identidade, pois atribui ao livro grande aprendizado e mudança no seu comportamento.

Quando R.D.R. afirma que “Ler abre a cabeça, a gente passa a ver as coisas de forma diferente”, é possível notar a emergência de uma leitora que, a partir do seu encontro pleno com a leitura, passou a ver novos caminhos para a sua vida, apropriando-se de representações contidas nas leituras que foram feitas por ela.

M.C.P.P.

M.C.P.P. tem 49 anos, está condenada a nove anos e seis meses de prisão e já cumpriu um ano e nove meses. É costureira, trabalha na oficina de costura, por remissão, ou seja, para a redução da pena, e cursa a 7ª série na escola da penitenciária. Ela tem filhos, marido e netos com os quais mantém contato.

Pelas narrativas de M.C.P.P., observa-se que a leitura é uma atividade voluntária, apegada a determinadas leituras as quais não abandona, tanto é que a presa só lê livros da autoria de Zíbia Gasparetto ou do estilo de Sabrina. Em momento algum menciona outros autores ou estilos.

- (3) Eu comecei a ler Júlia, depois Sabrina, Bianca... e leio até hoje. Eu era adolescente quando comecei a ler. Eu adoro! Eu tenho muita coleção. Mas tem que ter sexo, eu gosto das histórias que têm sexo do começo até o final, se não tiver sexo eu não gosto. Eu lia também livros de *Far West*, mas agora eu não leio porque gosto é de romance.

No trecho acima, ela demonstra seu interesse por Sabrina, mas impõe uma condição para a sua leitura: o sexo na história. O modalizador *mas* marca a mudança do posicionamento da detenta, “Eu adoro!” “Mas tem que ter sexo...”. Imposta essa condição, a detenta lê e já adquiriu coleções desses livros. Talvez, se não houvesse referência a sexo, ela não teria tanto ânimo para se envolver com essa leitura.

S.O.M.

S.O.M. tem 26 anos, está condenada a 11 anos de prisão e já cumpriu três anos e sete meses de sua pena. Tem ensino médio completo, que deu sequência dentro da penitenciária. Quando foi presa, cursava o 3º ano. S.O.M. tem o sonho de cursar a faculdade de Fisioterapia. Dentro da penitenciária, ela trabalha na reciclagem do lixo, por remissão, mas antes de ser presa, ela era *office-girl* em uma empresa em Belo Horizonte.

A presa assume que é lésbica, fala disso abertamente e afirma que nunca teve um relacionamento sexual com um homem. Teve, na adolescência, apenas um namorado, todos os outros relacionamentos foram com mulheres.

A experiência de leitura de S.O.M. é bem recente, data da sua entrada na penitenciária, há aproximadamente três anos. Isso nos mostra que a prisão é que levou S.O.M. a desenvolver a prática de leitura e, como afirma Chartier (1994), a leitura também é uma prática encarnada em espaços. No caso de S.O.M., o seu espaço de leitura foi criado na penitenciária. Foi nesse mundo que ela teve um encontro com a leitura, talvez como um refúgio, mas isso a presa não deixa claro, ou apenas como um passatempo, como ela mesma afirma.

- (4) Eu comecei a ler aqui na prisão, comecei a ler os livros espíritas da Zíbia Gasparetto e depois fui lendo outros livros espíritas.

D.P.S.

D.P.S. tem 49 anos, foi condenada a 7 anos, 11 meses e 10 dias de prisão. Já cumpriu três anos de sua pena. Trabalha na gráfica da penitenciária, por remissão, e também recebe remuneração. Antes de ser presa, trabalhava como auxiliar hospitalar e afirma “Eu tenho firma registrada na rua e minha irmã cuida dos meus negócios”. Cursou o ensino médio dentro da penitenciária e pretende, ainda, cursar uma faculdade. Quando interrogada sobre a sua família, sobre ter filhos, ela diz: “Não tenho não, meu bem, eu sou lésbica”.

Porém, em uma matéria do jornal da Secretaria Estadual de Defesa Social (SEDS), sobre uma homenagem feita pelo órgão às internas do Complexo Penitenciário Feminino Estêvão Pinto, no dia das mães, o nome de D.P.S. foi divulgado como uma das presas mais alegres da penitenciária e mãe de dois filhos adotivos. Fui também informada, por uma funcionária da prisão, que D.P.S. tem uma filha, mas não se sabe se é adotiva ou biológica.

Ela é uma pessoa bem divertida, procura conversar corretamente e sempre utiliza palavras ou expressões bem atípicas do ambiente prisional. Só se referia a mim como Senhora e num tom de voz baixo e muito educado. Em um dos dias em que eu estava conversando com as presas, me pediu licença e disse: “Enquanto a Senhora conversa com elas, eu vou ao toalete, viu?”.

As narrativas de D.P.S. apontam para uma leitora que toma a leitura como uma atividade voluntária praticada há muito tempo em sua vida.

- (5) Quando eu comecei a ler eu era adolescente, eu gostava de ler revistas em quadrinho da Mônica.

3 CONCLUSÃO

O que se pode perceber, após a concretização deste estudo, é que a História Cultural trouxe importantes contribuições para se encarar a leitura como uma prática encarnada em gestos, espaços e hábitos, conforme afirma Chartier. Porém, com a valorização dos hábitos e costumes da sociedade, da construção do saber, das experiências coletivas ou particulares dos indivíduos, ou mesmo dos grandes eventos históricos, com uma visão mais diluída, outros valores vieram à tona para reforçar a ideia de que a leitura é uma prática baseada na vivência dos seus leitores.

A partir da compreensão da História Cultural, dos conceitos de representação e apropriação e da noção de identidade, foi possível observar que todos esses fatores influenciam as práticas de leitura em uma sociedade letrada. Nesse enquadre, percebe-se que os sujeitos formam a sua identidade leitora a partir das representações que fazem do mundo à sua volta e de como se apropriam dos seus objetos de leitura. Tudo isso influenciado também pelos espaços de leitura que vão marcar sua presença na formação da identidade leitora dos indivíduos, pois serão eles que vão delimitar as condições para a leitura acontecer.

Todos esses pressupostos analisados foram de extrema importância para que se pudessem entender as práticas de leitura das leitoras detentas do Complexo Penitenciário Feminino Estêvão Pinto. O que se pode observar nesse ambiente é que essas mulheres assumem e desenvolvem uma identidade leitora no período em que estão enclausuradas, mas não se sabe se essa identidade irá permanecer quando saírem do espaço da prisão e voltarem para o convívio social, pois, na

perspectiva de Bauman (2005), as identidades são flutuantes. E, por terem tal característica, podem se modificar ou diluir a qualquer instante, de acordo com as circunstâncias que as rodeiam.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A, 1990.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

INDURSKY, Freda. Estudos da Linguagem: A leitura sob diferentes olhares teóricos. In: TFOUNI, Leda Verdiani (org.). **Letramento, escrita e leitura**: questões contemporâneas. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 163-178.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**: Uma Abordagem Psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

POSSENTI, Sírio. Sobre a leitura: o que diz a análise do discurso. In.: MARINHO, Marildes (Org.) **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p.19-30.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro**. Tradução de Lucy Moreira César. Campinas: Papyrus, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?**. São Paulo: Editora Senac, 2001.